

Mais uma vez a questão indígena*

Once again the indigenous question

Curt Unkel Nimuendajú

Com respeito ao artigo do Sr. Walter Fischer “Para a Questão Indígena” no número 18 deste estimado jornal, gostaria de me permitir anotar algo em resposta à questão tão discutida atualmente, o que com certeza interessará ao Sr. Autor do referido artigo e talvez ao seu círculo de leitores.

Tanto o Sr. Dr. Hermann Von Ihering nos seus antigos artigos, quanto também o Sr. Walter Fischer naquele último, evitaram dar aos leitores uma noção de como aquele procedimento que está sendo recomendado para com os Coroados haveria de ser iniciado e executado. O Sr. Dr. Von Ihering declara-o abertamente, e das exposições do Sr. Fischer, ainda que menos nítido, resulta o mesmo: os selvagens coroados devem ser aniquilados. O Sr. Fischer, porém, logo no começo, diz claramente que não entendia essa aniquilação como um extermínio “a ferro e fogo”, e eu fiquei extremamente curioso para saber como então o Sr. Autor pretendia efetuar o extermínio. No entanto, fiquei desapontado. O próprio Sr. Fischer parece ou não saber ou ter vergonha de dar nome aos bois. Aliás, conforme alguns trechos na segunda parte do artigo, poder-se-ia presumir que também ele concebe o extermínio lento através de execuções de vingança dos bugreiros, como a coisa mais natural possível.

Entretanto, por que se deve ocultar do público que ignora os pormenores da nossa fronteira indígena a verdade que é do conhecimento de qualquer sertanejo? Portanto, se a selvagem tribo dos Coroados tem que ser destruída, então não existe outro meio além daquele que os senhores Ihering e Fischer assim não entenderam: a ferro e fogo. Isso porque o meio usado para matar índios selvagens em tempos passados, colocando alimento envenenado nas veredas, não funciona mais com os Coroados, pois eles destroem todos os alimentos que tomaram dos seus inimigos.

* Publicado originalmente no jornal *Deutsche Zeitung*, n. 20, 13/11/1908. Tradução de Peter Welper.

Só nos resta, portanto, caso não venha em tempo a ajuda de uma epidemia, a guerra de extermínio, e esta só pode ser feita de duas maneiras: ou pelos próprios sertanejos ou pelo governo. A primeira significaria a continuação das atuais condições insustentáveis da fronteira indígena por mais ainda uma série imprevisível de anos. O Sr. Fischer está enganado se achar que expedições punitivas que acabam na matança de uma aldeia (chamadas no sertão de “dadas”¹) desencorajam os Coroados de outros assaltos. Os fatos comprovam o contrário: entre os anos de 1898 e 1900 os Coroados atacaram cinco vezes no sertão de Bauru (nos rios Feio, Dourado e Sucuri), e a cada ataque seguia imediatamente uma “dada” dos longamente bem afamados caçadores de índios Antônio Pedro, Manuel Pedro, Luiz Wolf², Joaquim Serrador, João Carreira e seus companheiros. Apesar das ações praticadas pelos bugreiros, as quais não estou contando porque aquele que não conhece a guerra de índios por experiência própria não me daria crédito, a colonização no rio Feio desde aquele tempo não conseguiu dar sequer um passo adiante, porque todo ano, como ainda hoje, precisava-se temer os ataques dos Coroados. No dia 18 de julho de 1905 o engenheiro Dr. Olavo Hummel foi assaltado na Corredeira e ferido junto com dois trabalhadores. No mesmo ano ocorreram no rio Feio três tiroteios entre a expedição e os Coroados. No ano seguinte os Coroados mataram cinco pessoas na Corredeira e quase ao mesmo tempo mais três outras no Lageado, no sertão do Avanhandava, município de Rio Preto. No ano passado o topógrafo Deocleciano Gomes encontrou a morte quando estava com dois trabalhadores no Barra Mansa, um afluente do Ribeirão dos Patos no município acima mencionado. Enquanto um dos seus companheiros feridos fugiu, o outro, devido ao susto, enlouqueceu. Nesse mesmo ano, mais uma vez, dois serradores de madeira portugueses tombaram no meio dos Guarantãs dos Coroados no rio Bariguy, um afluente do rio Baixote, também no município Rio Preto. A única coisa que se pode perceber seria, no máximo, que o perigo aumentou nos afluentes do Tietê inferior e que, embora tenha diminuído um pouco no rio Feio superior, isto não ocorre por causa das expedições punitivas, mas obviamente, porque a colonização do sertão de Avanhandava, ligada agora à construção da ferrovia noroeste, prende a atenção deles.

¹ “Dada” era termo usado para os assaltos de bugreiros as aldeias de índios [nota da presente edição].

² Segundo relatório apresentado por Gentil de Moura, 1º ajudante da turma que explorou o rio Feio em 1905, Luiz Wolf era morador da região de Bauru e sua morada estava localizada à proximidade das fazendas de Joaquim Toledo Piza chamadas Acampamento e Faca. “Acima dessas fazendas existem diversas moradias, das quais a mais importante é a do Sr. Luiz Wolf e em que se cultivam também café, cana e cereais” (MOURA, Gentil. Relatório apresentado pelo Sr. Gentil Moura. *Exploração dos rios Feio e Aguapehy*, Comissão Geográfica e Geológica do Estado de São Paulo, 1905, p. 6) [nota da presente edição].

Assim continuaria durante muitos anos ainda, e realmente não gostaria de presenciar como os sertanejos agiriam nas aldeias dos Coroados se pudessem fazê-lo impunemente. Eu considero o número de Coroados no rio Feio muito inferior ao que se julga geralmente já que não acredito que esteja muito acima de setecentas cabeças – sobre o do rio do Peixe só posso me permitir presunções. Não se deve de maneira alguma tomar por verdade as histórias que vêm sendo contadas por pretensos conhecedores das circunstâncias nos hotéis de Bauru e etc., se falarem de “dadas” nas quais morreram centenas de Coroados. Na primeira “dada” no rio Feio, os bugreiros mataram apenas um casal velho, um índio mais novo e capturaram um garoto. E é muito provável que a família indígena aqui assassinada nada tivesse a ver com o assalto pouco antes realizado à Fazenda Acampamento. Também na “dada” que seguiu o ataque ao Sítio Congonhas as perdas dos Coroados somaram apenas quatro homens e uma mulher, sendo que uma menina foi capturada. Numa outra vez os bugreiros encontraram na aldeia cercada apenas mulheres e crianças, as quais com exceção de um garoto foram todas abatidas. É verdade que os homens que voltavam de uma expedição, alcançaram e atacaram os bugreiros, mas foram repelidos. Alias, nas aldeias dos Coroados, raramente se conta mais que trinta habitantes e, quando tal aldeia está sendo assaltada por bugreiros, a luta é então extremamente breve: apenas poucos segundos, ninguém tem mais tempo do que para dar no máximo dois tiros de carabina. Depois, tudo passa e o que não está deitado morto, escapou. No ano seguinte, toda essa história pode recomeçar outra vez.

Haveria um sucesso pouco mais rápido se o governo se incumbisse do assunto lutando ao mesmo tempo e energicamente nos três municípios ameaçados (Campos Novos, Bauru e Rio Preto). Essa guerra, no entanto, se não quiserem pôr o sucesso em risco, não poderá ser feita com soldados, e não haveria alternativa para o governo, se este estiver realmente interessado apenas na rápida aniquilação da tribo dos Coroados, do que aquela da Comissão Geográfica e Geológica no rio Feio, de empregar sertanejos experientes na luta contra os índios das referidas regiões, armá-los bem e depois soltá-los sob a liderança eleita por eles, entre os Coroados selvagens. Mas não se deveria de maneira alguma querer impor regras de comportamento, pois a experiência para saber o que é ou não necessário numa guerra de índios, só ganha o sertanejo por sua longa permanência na fronteira indígena. Também não seria aconselhável de juntar aos bugreiros um comissário do governo para ser levado à “dada”. Este deveria ficar sossegado em Bauru, pois a sua presença perturbaria os sertanejos, privando-lhes da liderança única. Além disso, a respeito do que ele seria forçado a olhar, os relatórios deste comissário, caso ele fosse razoavelmente decente e honesto, levantaria no público uma chamejante acusação contra o governo paulista e também um vergonhoso comprometimento do nosso povo que precisa de tais medidas para seguir o

caminho da cultura. Mas talvez se pudesse conseguir assim: se o governo, através do pagamento em dia de um prêmio não muito baixo por cada Coroados morto, procurasse não deixar afrouxar demasiadamente cedo a diligência dos bugreiros, que todo ano causaria à tribo uma perda de aproximadamente 200 cabeças e então só seria preciso continuar esse procedimento energicamente por mais alguns anos que o caminho seria desobstruído.

Pois não teria sido isto, Sr. Walter Fischer, o que o senhor imaginou na redação do seu artigo, apesar da afirmação contrária na primeira coluna? E se esta não for a sua opinião, por que o senhor levou vários leitores à tentação de julgá-la de forma mais dura do que seja justo? Ou o senhor nos ocultou a sua opinião apenas porque por sua falta de experiência prática não se considerasse competente para uma declaração aberta? O senhor estava com toda razão por não tomar um professor ginasial como pessoa competente para essa questão. Somente lá fora, no próprio sertão, com os restos carbonizados das choupanas queimadas, ao lado das cruces nas covas novas dos abatidos, no convívio diário com os bugreiros como se fosse seu igual, nas noites hipocritamente silenciosas quando o Coroados espreita no fundo do mato em volta da fogueira solitária do topógrafo, só aí o homem faz idéia da questão Coroados.

Será, porém, que o Coroados é realmente pior que as bestas mais ferozes, não se deixando amansar de maneira alguma? Pois acredito que isso talvez seja possível. E penso que quem deveria empreender a tentativa de amansar os selvagens Coroados não haveria de ser nem um Coronel Sanchez nem um Padre Claro, mas sim um homem que reunisse profundo conhecimento de causa e muitíssimo interesse próprio por sua tarefa. Haveria de ser bem familiarizado com o idioma, costumes e convicções religiosas dos Coroados e não se deveria considerar soberbo demais, para obter a confiança dos bugreiros e aproveitar a rica experiência deles. Sob a liderança deste homem, dever-se-ia realizar então uma ou duas “dadas” que não teriam o objetivo de destruir a aldeia, como até agora tem, mas sim de capturar o maior número possível de indivíduos, deixando mesmo escapar aqueles que queiram se extrair da captura por fuga. Sei muito bem que a captura de Coroados selvagens não é tão fácil e apenas possível através da mobilização de muitas pessoas, contudo, ela é possível, e se for usado certo jeito, talvez até sem derramamento de sangue.

A partir do momento da captura dos índios deve-se protegê-los de qualquer violência fazendo-lhes entender que não lhes faltará nada e que, passado certo tempo, irão deixá-los novamente livres. Num lugar seguro e depois que os índios estivessem razoavelmente tranquilizados pelo bom tratamento dado nos vários dias e pela afirmação do seu breve retorno, os negociadores deverão saber deles quais são as principais causas e quem são as principais pessoas que realizam os assaltos todo ano. Conforme estes depoimentos, que são de imenso interesse já que a guerra com índios até agora tão somente tem sido apresentada por nosso lado, é que ele deverá orientar seus próximos avanços.

A um homem que conhece a língua e a religião dos Coroados e não quer doutriná-los do topo de nossa cultura, mas escutá-los com calma e compreensão, certamente não seria difícil de ganhar a confiança dos capturados ao ponto destes se declararem abertamente para ele. Antes de tudo, teria de fazê-los entender que a nossa nação não é composta só de bugreiros, mas que a maioria de nós lhes quer bem, mesmo tendo os meios de destruição imediata da sua tribo em nossas mãos.

Depois, dever-se-ia fazer a tentativa de atrair para negociações os Coroados que ficaram na mata, enviando alguns dos capturados com o respectivo convite e ricos presentes para eles. No entanto, o negociador deve manter junto a si os melhores dos seus novos amigos, para que no caso de ninguém mais voltar, ele possa fazer na companhia destes a tentativa desesperada de continuar as negociações nas aldeias dos Coroados. Lá ele deve escutar calmamente as objeções e acusações que os Coroados com certeza sabem apresentar e depois contestá-los na medida do possível não através do nosso ponto de vista, o qual eles não entendem mesmo, mas pelo deles. Conseguindo levar os Coroados selvagens a suspender temporariamente as hostilidades – mesmo que fosse através do aproveitamento hábil e especulativo de sua vaidade e cobiça – e obtendo uma precária visão geral sobre sua população, distribuição e lideranças, então não seria tão difícil de aplicar neles o sistema de reserva norte americano, o qual forneceu os melhores resultados em todos os lugares onde foi executado de maneira consciente. Se para isto a tribo tiver que ser levada dos seus antigos estabelecimentos para outro lugar, isso só a experiência de caso em caso pode ensinar. Trata-se apenas de preservar estes grandes e tolos garotões – como os índios sempre me pareceram ser – da influência nociva de certos portadores de cultura e educar as novas gerações para que um dia consigam produzir uma resistência suficiente e antes de tudo moral contra tais influências. Que não se queira torturar os velhos inutilmente com novas ideias e um outro modo de viver, pois isso seria um esforço perdido. Que se conceda a eles uma tarde de vida mais contente e o menos estorvada possível, para que a recordação dos dias de sua liberdade não se mexa demasiadamente viva dentro deles e para que eles com as suas reminiscências não exerçam uma influência ruim sobre os jovens.

Isso tudo sairia para o Estado menos caro do que lhe custou, por exemplo, alguns funcionários dos correios, e se o empreendimento fosse coroado de êxito, como então ficaríamos perante os demais estados culturais, se um belo dia por um literato precipitado, as particularidades da guerra de extermínio fossem submetidas ao julgamento do mundo. No entanto, se falhasse, pelo menos não poderíamos ser acusados – como aconteceu até agora – de não termos tentado tudo para convivermos de uma maneira amigável com os nossos nativos.

Parece-me, porém, que para seguir o caminho indicado faltam nessa terra pessoas aptas e, sobretudo, boa vontade. O negócio é muito pouco lucrativo,

o sucesso, demasiadamente duvidoso, os perigos e esforços grandes demais para que alguém se submeta a eles. Além disso, se talvez tivessem começado de modo feliz, a maioria já se daria por satisfeita, se os Coroados tivessem sido levados a suspender suas hostilidades. Pela educação pouco se preocupariam e desmoralizados, violentados e sugados por fazendeiros cobiçosos, quebrados física e moralmente pela gentalha de fronteira, teria se levado a tribo Coroados da situação de uma livre originalidade àquela de degradação cultural que hoje em dia vem sendo enfrentada pelos infelizes Guarani do nosso Estado. E qualquer um que tiver observado de perto essa situação, concordará comigo que então seria melhor proporcionar à tribo Coroados um fim com horror debaixo dos tiros de bugreiros do que este horror sem fim visível.

Recebido em 26 de fevereiro de 2013

Aprovado para publicação em 28 de março de 2013